

A LOUCURA NA CAJAZEIRAS-PB DA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO

XXI

LARISSA BESERRA DOS SANTOS

UFCG

larissabezerra.1@hotmail.com

ORIENTADORA: ROSILENE ALVES DE MELO

UFCG

rosileneamelo@gmail.com

RESUMO

Este artigo busca abrir o diálogo acerca do estado da questão da “loucura” na primeira década do século XXI na cidade de Cajazeiras-PB. É fruto de um estudo que está sendo desenvolvido como trabalho de conclusão de curso. Aqui, delinearemos os sustentáculos de nossa pesquisa a partir de uma perspectiva foucaultiana de análise de discurso. A ideia é traçar uma arqueologia em torno da criação dos CAPS em 2001 e no, conseqüente, processo de desestímulo do modelo hospitalocêntrico como resultado das lutas que foram e estão sendo travadas desde 1980 no Brasil. A pesquisa terá como base documental a análise dos prontuários do Centro de Associação Psicossocial (CAPS II). Desejamos, com isso, ampliar as possibilidades de re (elaboração) das ações socioculturais voltadas à saúde mental.

Palavras-chave: Loucura; Cajazeiras; Contemporaneidade.

Introdução



Desenho de Albino Braz, sem título, na mostra “História da loucura: desenhos do Juquery”, em cartaz no MASP, no ano de 2015.

A partir do diálogo desenvolvido na disciplina de Introdução aos Estudos Históricos, ministrada pela professora Rosilene Alves de Melo, orientadora desta pesquisa, tive o primeiro contato com Michel Foucault e sua obra “História da Loucura” (1997), publicada pela primeira vez na década de 1960, trazendo à tona um fazer historiográfico particular. Destarte, logo percebi que tinha encontrado não só o meu campo temático, mas uma questão com a qual me identifiquei acima disso e que foi tomando maiores proporções; os caminhos foram se apresentando e se enraizando por diversas veredas, criando possibilidades de elaboração, imersão e comunicação buscando encontrar os fios condutores para construção de uma “operação historiográfica”. (CERTEAU, 1982). O encantamento e o sentimento de pertença desde o início de 2015 foram perdurando e ganhando adornos.

O recorte temporal deste estudo está sintonizado com as transformações ocorridas da virada do século XX para o XXI. As fontes utilizadas serão prontuários médicos. Existem, no arquivo, prontuários de pacientes de 2001, ou seja, do ano inaugural da instituição em Cajazeiras-PB.

As características esdrúxulas, como enclausuramento, tortura física, que no século XIX e, inclusive, fins do século XX como apontam estudos realizados nos já extintos Hospital Colônia de Barbacena em Minas Gerais e Hospital Psiquiátrico do Juquery em São Paulo começam a ser atacadas pela Reforma Psiquiátrica que se inicia na Itália na década de 1960 com Franco Basaglia e tem seu ápice no Brasil a partir da década de 1980. Pensando nesse processo de continuidades e descontinuidades, trataremos da primeira década do século XXI fazendo um diálogo com os movimentos anteriores (Reforma Psiquiátrica, Luta Antimanicomial) e em como eles se relacionam com o sertão cajazeirense a partir da promulgação da Lei Paulo Delgado (Lei nº 10.216. de 06 de abril de 2001) e com a criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), consequentemente.

O objetivo é problematizar essas mudanças e refletir acerca do processo de desinstitucionalização do modelo hospitalocêntrico e pensar em como ele está sendo desenvolvido no contexto nacional e, sobretudo, cajazeirense. Desejamos pensar nas políticas públicas desse movimento histórico, bem como buscar perceber as veredas identitárias dos sujeitos que utilizam do atendimento do CAPS II, adentrando, por fim, em uma história das sensibilidades, pluralizando a questão da saúde mental ainda pouco explorada pela historiografia cajazeirense. Sendo assim, pensamos na dinamicidade

espiralada dos aspectos sociais e culturais que nos proporcionam problematizar essa questão em seus diversos aspectos.

CONTEXTUALIZANDO

A loucura já foi vista de diversas maneiras ao longo do tempo. Ora, com adornos mágico-transcendentais, em que o sujeito consegue caminhar por diversos espaços de sociabilidade, ora como algo que passa a ser símbolo de inimizabilidade, como um veiculador de uma mensagem ilegítima, delirante, e encaminha-se como patologia requerendo o auxílio médico. Noções de beleza, de comportamento corporal, de moradia, de classe, de religiosidade, de cor, foram sendo “encaixadas” e pré-determinadas aos sujeitos sociais interferindo nas construções da loucura como doença e sendo articulados aos tratamentos psiquiátricos vigentes. As representações da sociedade vão sendo perpassadas e o imaginário de si acaba sendo mesclado com esses conceitos.

A cientificidade do saber no século XIX traz, sobretudo, uma configuração linguística nova em que o poder de quem fala conduz a relação com o objeto de que se fala. Essa postura remodelada é algo que se apodera da relação médico-paciente. Para Michel Foucault (2008) há mais uma concretude “conceitual” do que qualquer ideia de “desenvolvimento”, de fato, estabelecido entre a Medicina Clássica e a Científica.

É primordial, sobretudo, pensarmos em um século XIX como um período de reflexões epistemológicas e teóricas acerca da elaboração dos conhecimentos gerais. A própria historiografia passa por esse processo. Enfim, há toda uma metamorfose dos saberes que tem início no fim do Medievo e início do Renascimento e que se consolida no século XIX. A partir disso, no século XX o relativismo é introduzido em cena com a teoria do físico Albert Einstein marcando assim um contexto de novas configurações nos diversos campos de saber. É iniciada uma “marcha” em que é necessário quebrar “estruturas” ligadas às verdades absolutas e pensar nos meios de “racionalidades” diversas.

A mobilização dos saberes é uma marca destes dois últimos séculos. A realidade histórica, portanto, é vista como uma construção. Sendo assim, a essência do relativismo é compreender que não existe um campo de saber imutável. Para Michel

Foucault há uma mudança de discurso em relação à loucura. Porém, esse novo posicionamento não implica, necessariamente, em progresso.

Em “O Nascimento da Clínica” (1987), Foucault diz que existe uma mudança de “linguagem”, mas que esse fator não está ligado, necessariamente, ao progresso da postura médica e dos seus consequentes resultados. Mas, é necessário enfatizarmos que Foucault não nega que existam mudanças. O autor enxerga, sobretudo, que não há uma ruptura entre o século XVIII e o XIX com a institucionalização da psiquiatria. De alienação mental à doença, o filósofo pensa em como isso é refletido por meio dos discursos. Aqui, Foucault percebe o discurso como ponto chave da construção do saber-poder psiquiátrico em cima do dito “louco”. Inclusive, ele aponta o número crescente das “características” das doenças mentais. Sendo assim, fica clara a dimensão do discurso que Foucault problematiza e leva à tona no século XX. Não foi uma aceitação simples dentro do meio científico/acadêmico. Foucault traz um modo próprio de se relacionar com a História, a Psiquiatria, a Literatura, a Linguagem, a Psicologia e a própria Filosofia.

O método Nietzscheano assemelha-se muito ao que Foucault insere em seus trabalhos. Isso tudo fica exposto na própria ruptura com a filosofia clássica (não há “continuação” de nenhuma das filosofias anteriores), pois com Nietzsche a razão é questionada

no sentido de que a preocupação não é mais com o verdadeiro e o falso. Sendo assim, o cenário é transformado e Foucault vai atrás dessa mudança de perspectiva.

Para Foucault (2014, p.10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. O discurso e o desejo de verdade estão sendo atrelados. Ele nos faz pensar em torno da razão e da desrazão. Aponta-nos em como essa dicotomia é fabricada e desconstrói uma noção de verdade absoluta. Foucault diz que há o envolvimento das palavras com quem transmite, mas que o discurso vai tomando proporções muito maiores e distintas ao longo do tempo que o próprio transmissor não seria capaz de acompanhar. Sendo assim, o domínio do discurso pertenceria ao próprio discurso. Mas é claro que há determinada identificação do indivíduo que recebe e, assim, o discurso ganharia uma proporção plural dentro das singularidades de cada meio que ele invade e que o molda conforme o passar do tempo. O discurso é visto/considerado a partir de uma apropriação.

A falta de consciência, de racionalidade, de lógica, direcionada aos que sofrem de transtornos mentais, cria um discurso incapacitante em cima desses indivíduos e os generaliza em uma figura que perdeu o sentido de sua própria existência. Foucault faz pensar em como essa tradição arraigada é remodelada através das políticas públicas. Nos mostra que existe uma rede de interesses que refletem no dia-a-dia desses indivíduos. Passamos a pensar nas noções de cidadão, de utilidade, de produtividade. Percebemos o contexto econômico que se pauta no capitalismo e em como ele acelera o cotidiano mais “ameno” do período medieval (apesar dos períodos de guerras, epidemias e fome) e a mentalidade vai gradualmente acompanhando esse processo do devir.

DISCUTINDO CONCEITOS

Simpatizante dos *Annales* e da história-problema, Michel Foucault enxerga o ofício do historiador como algo que deve, intrinsecamente, ser ligado às revoluções, às discontinuidades, ao discurso, à ausência de sedimentação, às construções do real e da verdade. Foucault rompe com o modo tradicional da narrativa da loucura e dá voz aos “silenciosos” gritos que tanto percorriam os manicômios. Partiu para uma ótica que desvenda o próprio objeto através dos signos de dominação psiquiátrica. As fontes utilizadas por ele foram diversas. Além de tratados médicos, analisou documentos institucionais e a própria literatura. “O Elogio da Loucura” (2011), de Erasmo de Roterdã é um exemplo citado na obra e mostra essa miscelânea de campos de saber na construção de “História da Loucura” e, também, em outros trabalhos. O autor indica focos de análise que perpassam o período clássico e moderno percebendo como o social cria padrões de normatividade e insere representações da loucura diferentes ao longo do devir histórico. Veja no trecho abaixo essa relação:

A prática do internamento, no começo do século XIX, coincide com o momento no qual a loucura é percebida menos em relação ao erro do que em relação à conduta regular e normal; no qual ela aparece não mais como julgamento perturbado, mas como perturbação na maneira de agir, de querer, de ter paixões, de tomar decisões e de ser livre (FOUCAULT, 1997, p. 48).

Maria Clementina Pereira Cunha (1988) em “O Espelho do Mundo: Juquery A História de um Asilo” pensa em como se constituíam as relações dentro do espaço “asilar” e fora dele. Aspectos como: urbanização, ordem, limpeza visual, preconceitos,

instituições sociais, medicina, psiquiatria foram colocados sob o olhar de Clementina. A autora buscou, inclusive, problematizar as correlações de forças historiográficas que teciam os discursos sobre mulher e loucura. Ela faz todo um questionamento acerca da singularidade da palavra “mulher” e aponta uma crítica para uma “estrutura” rígida que se montava (em cima do sistema patriarcal do século XX), criando uma única representação do que é ser mulher. Esta imagem encaminhava-se para um gênero feminino propenso à loucura. A autora pensa, dessa maneira, numa particularidade do indivíduo dentro do coletivo. Percebemos isso em um trecho da obra “Elogio da Loucura” (2011), publicada no século XVI, de Erasmo de Roterdã:

Senhor, — disse-lhe eu — dê uma mulher ao homem, porque, embora seja a mulher um animal inepto e estúpido, não deixa, contudo, de ser mais alegre e suave, e, vivendo familiarmente com o homem, saberá temperar com sua loucura o humor áspero e triste do mesmo. Quando Plutão pareceu hesitar se devia incluir a mulher no gênero dos animais racionais ou no dos brutos, não quis com isso significar que a mulher fosse um verdadeiro bicho, mas pretendeu, ao contrário, exprimir com essa dúvida a imensa dose de loucura do querido animal. Se, porventura, alguma mulher meter na cabeça a ideia de passar por sábia, só fará mostrar-se duplamente louca [...] Acreditei-me, pois, que todo aquele que, agindo contra a natureza, se cobre com o manto da virtude, ou afeta uma falsa inclinação, ou não faz senão multiplicar os próprios defeitos. E isso porque, segundo o provérbio dos gregos, o macaco é sempre macaco, mesmo vestido de púrpura. Assim também, **a mulher é sempre mulher, isto é, é sempre louca**, seja qual for a máscara sob a qual se apresenta. (p.33, grifo nosso).

Portanto, discutiremos essa relação da loucura buscando os seus aspectos sociais e culturais, perpassando por uma questão gênero, pensando na exclusão do feminino a partir da construção dos campos sociais bem delineados. O lugar da mulher era sustentado pelo discurso da loucura, da doença mental e queremos pensar nas formas com que isso se estabelece na contemporaneidade.

A historiadora Yonissa Mamitt Wadi (2009) aponta que os recortes temporais estão sempre voltados para os séculos XIX e XX pensando numa “mentalidade” quase absoluta. Yonissa enxerga uma necessidade de discussão historiográfica a partir do movimento da Reforma Psiquiátrica (aqui no Brasil). Sendo assim, além de se adentrar em uma História da Loucura ela discute sobre uma História da Psiquiatria que parte dessas lutas ainda em processo. Assim como ela, acreditamos que essa preocupação em pensar a partir dos acontecimentos, digamos, mais recentes é extremamente pertinente, pois nos dá a oportunidade de problematizar o que está sendo posto.

A década de 1980 chegou trazendo consigo um questionamento dos próprios pressupostos do hospital psiquiátrico, como o lugar por excelência para tratar os loucos, e do saber psiquiátrico, como o legítimo enunciador da verdade da

loucura, reivindicando o resgate da cidadania das pessoas tidas como loucas. (2009, p.73).

Uma circularidade cultural, dentro de uma “estrutura” que é vista muitas vezes como algo, estritamente, rígida, é trabalhada por Yonissa. Ela pensa nesses novos cenários que vão sendo elaborados e ressignificados a partir de uma linha que envolve Cultura, Relações de Gênero e Memória. Yonissa busca problematizar a institucionalização dos Hospitais e da Psiquiatria no âmbito nacional percebendo as veredas que foram sendo fabricadas no Estado do Paraná.

Com o intuito de perceber em como a ideia de “loucura” tramita na sociedade cajazeirense no tempo presente e, também, pensando em como as identidades dos pacientes que utilizam esse serviço público são construídas, pretendemos historicizar esse processo interno e externo de análise de si dentro de um contexto de virada de século. Dialogaremos com prontuários médicos que nos darão meios de solidificar esse estudo. A partir de, por exemplo, nome completo, idade, profissão, estado civil, quadro clínico, entre outros, podemos indicar graus de parentescos entre os pacientes, faixa etária que utiliza esse serviço na cidade, diálogo desses pacientes com a sociedade por meio do trabalho, alcance de atendimento do CAPS às regiões circunvizinhas, suas relações pessoais, duração do tratamento, o que levou esses indivíduos a procurar auxílio, como está sendo o processo de tratamento, enfim, um leque de particularidades.

A institucionalização da saúde, no geral, se dá na transição do século XVIII para o XIX. Aqui no Brasil se dá entre o final do século XIX e começo do século XX. A vinda da família real e a “loucura” de D. Maria (mãe de D. João VI) foi o ponto de partida para se pensar na psiquiatria no país. O primeiro hospício se inaugura no Rio de Janeiro em 1852 e recebe o nome de Pedro II, segundo Nádia Maria Weber Santos (2013). O número de hospícios vai aumentando no Brasil com o delineamento do campo de saber psiquiátrico e a partir do “movimento higienista”.

No Brasil Império, momento em que o país tenta construir fortemente uma identidade nacional através da literatura, com a chegada da família real ao Brasil, essa “necessidade” de ser “singular” passa a ser um discurso proferido na época e esteve relacionado com a origem das instituições hospitalares ditas próprias para os loucos e ao desenvolvimento da psiquiatria no país. Uma verdadeira vontade de “limpar” os sofrimentos alheios colocando em cena a constante felicidade intelectual e, claramente, normativa com ares de boemia presentes e prioritárias na vida urbana brasileira. Sendo

assim, o diferente logo precisa ser “catado”, assim como os feijões que são retirados quando não servem para cozinhar e o depositamos em seus lugares designados.

Os loucos precisavam de um lugar específico para que não trouxessem problemas para a sociedade. Elisa Verona (2008) faz uma relação entre o Romance (gênero literário de grande alcance de leitores na época, principalmente mulheres) e o histerismo que é ligado, incisivamente, à mulher por conta do útero que provocaria reações que seriam transmitidas ao cérebro. Enfatizamos que a mulher para ser contida sexualmente, quando considerada histérica, era tratada com “injeção de água gelada no ânus, a introdução de gelo na vagina, a extirpação do clitóris ou dos órgãos sexuais internos”. (CUNHA, Maria Clementina Pereira. O espelho do mundo: Juquery a história de um asilo. In: VERONA. **O Romance, A mulher e o Histerismo No Século XIX Brasileiro**. 2008. p. 6). No período republicano essa preocupação aumenta e a especialização entra em cena com os psiquiatras comandando o “discurso” do saber-poder médico acerca das pertinências da loucura.

É necessário, em vários momentos, como Michel Foucault fez com a historiografia, pularmos dentro dos nossos próprios precipícios e desconstruirmos verdades, supostamente, sedimentadas. É pensar “A razão” não como mestra de tudo, mas como uma árvore frutífera de racionalidades. A forma de representação da loucura parte, também, do próprio “louco”. Acreditamos que é necessário colocar em prática o diálogo com a literatura e os escritos de si. A partir disso, nós podemos entrecruzar essas; “narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto”. (PESAVENTO, 2003, p.33). Essa união nos possibilita pensar nas subjetividades e no sensível da escrita de si e das representações.

O que difere os dois discursos é que a História está intrinsecamente preocupada em alcançar o real, diferente da Literatura que procura ousar em seus enunciados, com os lirismos, brincando com as palavras. Mas, toda obra literária é fruto de uma época, de um lugar social, ou seja, de um contexto. Segundo Pesavento (2003):

[...] geste entendimento da História como uma narrativa sobre o passado ligase ao conceito da representação, que encarna a idéia de uma substituição, ou ainda da presentificação de uma ausência. Assim, no sistema de representações sociais construídas pelos homens para atribuir significado ao mundo, ao que se dá o nome de imaginário, a Literatura e a História teriam o seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que tem sempre como referência o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo. (p.33)

A partir de uma perspectiva foucaultiana trabalharemos com conceitos como; genealogia, saber-poder, subjetividade, descontinuidades, entre outros. Sendo assim, desenvolveremos nosso olhar para uma “história-filosófica” que não é, meramente, cronológica, que pensa além das causas e que é desviante das “estruturas” determinantes. O primeiro termo citado correlaciona os outros: “Genealogia é uma expressão que Foucault utiliza a partir de Nietzsche para designar um modo de abordagem da constituição histórica dos objetos, sem remetê-los a um começo solene, um início fundamental.” (RESENDE, 2005, p.2). Esse conceito de genealogia traz um “efeito” novo para o construto historiográfico em vários sentidos. O primeiro seria desconstruir essas linearidades bem definidas que trazem uma proposta de “início, meio e fim”. Foucault trabalha mais “explicitamente” com essa noção na obra “Microfísica do Poder” (1979) em que ele faz uma relação entre os jogos do poder. Nesse sentido a subjetividade é aflorada, pois como há uma noção de processo, de movimento, de fluidez, percebemos como os recortes serão inseridos na pesquisa de modo que tenham um “sentido” quando agrupados, mas que não são estimados pensando em essência/origem.

Com Chartier (1991) pensaremos em uma construção das práticas socioculturais que criam os “perfis” da loucura na contemporaneidade. Não é pensar, somente, nos “moldes” em que a saúde mental está inserida no século XXI, mas percebê-la em fusão com o cultural. Em relação ao conceito de representação para Chartier o entendemos como: “alternativa de compreensão do social e cultural da realidade via representação, o real como sentido, ele recebe sentido, é representado”. (GUARATO, 2009, p.6).

Queremos construir as relações de poder que envolvem o saber médico, as relações com o social e como os indivíduos dentro de suas subjetividades são “enxergados”. É interessante enfatizar que o que é “revelado” aponta, também, o invisível, segundo Chartier. Queremos pensar além da dicotomia “médico-louco”, enfatizamos que o desejo é permear em como o social relaciona-se com as práticas discursivas e as representações culturais e entender essa dinamicidade.

Dialogaremos pensando nos indivíduos, nas diferenciações seriais e, claro, na pluralidade que constituem as representações. Portanto, acreditamos que devemos estar atentos e “sempre tentar entender essa complexidade, essa simultaneidade de atitudes muito diferentes segundo os indivíduos e segundo os grupos.” (CORBIN, Alain. 2005, p.16).

Pensaremos na “saúde mental” (termo que ganhou ênfase na década de 1980 a partir do Movimento Nacional de Luta Antimanicomial) percebendo-a em seu “emaranhado” de permanências, descontinuidades e transitoriedade do tempo, apresentando com isso o caráter relacional do saber-poder que é estabelecido por meio das práticas discursivas;

A década de 1980 chegou trazendo consigo um questionamento dos próprios pressupostos do hospital psiquiátrico, como o lugar por excelência para tratar os loucos, e do saber psiquiátrico, como o legítimo enunciador da verdade da loucura, reivindicando o resgate da cidadania das pessoas tidas como loucas. (WADI, Yonissa Marmitt. 2009. p.73).

A partir de Foucault iremos pensar o próprio termo “loucura” que nem sempre é atrelado às doenças mentais até porque foi criado anteriormente à sua institucionalização. Ela é ligada, em suma, aos modos desviantes das normatividades sociais. Foucault aponta que o dito “louco” é dotado de historicidade. Um exemplo disso está claramente no fenômeno da higienização na cidade do Rio de Janeiro do início do século XX que foi “encaixado” em um padrão de normalidade do social e não apenas em aspectos arquitetônicos. Essa relação entre o que é doença e saúde mental é uma linha tênue que será analisada ao longo da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário percebermos o “delineamento” do que é saúde e o que é doença mental e em como se dá esse processo de luta pelo fim dos manicômios em fins do século XX, aqui no Brasil, e adentrarmos nas atuais discussões sobre o aumento das alas psiquiátricas por conta das problemáticas advindas do atendimento realizado pelos Centros de Atenção Psicossocial que passaram a funcionar a partir da Lei Paulo Delgado, referenciada acima. Trabalharemos também com os aspectos culturais desses indivíduos, pensando em suas identidades que são construídas de forma coletiva e particular, perpassando pelas sensibilidades.

Não podemos ser estranhos à loucura. O que é o “invisível” dessa conjuntura, o que é o “não dito”? E o que transparece? Quais os jogos de poder que estão sendo estabelecidos? Tudo isso é pensar; qual a miscelânea de faces da loucura na contemporaneidade? É necessário levantarmos essas problemáticas e desconstruir esse estigma de exclusão “naturalizado” acerca dos sujeitos que utilizam serviços de apoio e tratamento à saúde mental.

Apesar de a escrita encerrar um processo de pesquisa, este trabalho não é um epílogo, mas uma abertura de diálogo em que o leitor dará novas dimensões que tampouco foram arquitetadas. Aos poucos os de (lírrios) da pesquisa vão sendo solidificados, seja de forma calculada ou instintiva.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2000.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. **A escrita da história**, v. 2, p. 65-109, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

CONCEPTA PADOVAN, Maria. As máscaras da razão: memórias da loucura no Recife durante o período do Estado Novo (1937-1945). 2007.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo. In: **O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo**. Paz e Terra, 1988.

DE ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da loucura**. Ediouro, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. O nascimento da clínica. trad. **Roberto Machado**. **Rio de Janeiro: Forense Universitária**, 2008.

_____. **Ordem do discurso (A)**. Edições Loyola, 2014.

_____. Microfísica del poder. **Rio de Janeiro: Graal**, v. 979, 1979.

GUARATO, Rafael. **Considerações acerca do conceito de representação e seus usos historiográficos**. 2009.

MARMITT WADI, Yonissa. UMA HISTÓRIA DA LOUCURA NO TEMPO PRESENTE: os caminhos da assistência e da reforma psiquiátrica no Estado do Paraná. **Revista Tempo e Argumento**, v. 1, n. 1, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **History of Education Journal**, v. 7, n. 14, p. 31-45, 2003.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo social**, v. 7, n. 1/2, p. 67-82, 1995.

SANTOS, Nádía Maria Weber. Loucura e sanidade psíquica, duas faces do desenvolvimento humano—alguns aspectos historiográficos (Brasil, 1808-2008). **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 1, n. 1, p. 61-72, 2013.

VERONA, Elisa Maria. O romance, a mulher e o histerismo no século XIX brasileiro. **Americana**, p. 12, 1974.

VIDAL, Laurent. Alain Corbin o prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 49, p. 11-31, 2005.